



Conselho da
União Europeia

**Bruxelas, 4 de outubro de 2024
(OR. en)**

13987/24

**ENER 473
COMPET 980
CLIMA 331**

NOTA

de:	Presidência
para:	Comité de Representantes Permanentes/Conselho
Assunto:	Contributo do setor da energia para a competitividade da União Europeia – Seguimento das recomendações do relatório Draghi – Troca de pontos de vista

Envia-se em anexo, à atenção das delegações, a nota informativa da Presidência sobre o contributo do setor da energia para a competitividade da União Europeia – seguimento das recomendações do relatório Draghi tendo em vista o Conselho TTE (Energia) de 15 de outubro de 2024.

Contributo do setor da energia para a competitividade da União Europeia: Seguimento das recomendações do relatório Draghi

Em 17 e 18 de abril de 2024, o Conselho Europeu¹ solicitou um novo pacto para a competitividade europeia e que fossem prosseguidos de forma decisiva e rápida os trabalhos no sentido da concretização de uma verdadeira União da Energia, assegurando o aprovisionamento de energia abundante, a preços comportáveis e limpa, que contribua para o duplo objetivo de alcançar a soberania energética europeia e a neutralidade climática. Tal exigirá uma governação sólida da União da Energia, uma eletrificação ambiciosa, que recorra a todas as soluções com emissões líquidas nulas e hipocarbónicas, flexibilidade, e uma implantação e investimento substanciais nas redes, na digitalização, no armazenamento e nas interligações. Em julho de 2024, a presidente da Comissão Europeia anunciou um novo Pacto da Indústria Limpa em prol de indústrias competitivas e empregos de qualidade, a divulgar nos primeiros 100 dias do mandato.

A prioridade da Presidência húngara do Conselho é facilitar a adoção desse novo pacto para a competitividade europeia, a fim de relançar o crescimento económico e criar as condições para o crescimento sustentável, aprofundar o mercado interno, dar apoio prioritário às pequenas e médias empresas, promover as transições ecológica e digital em parceria com os operadores económicos europeus e os cidadãos europeus, fomentar a cooperação internacional e assegurar a estabilidade e a sustentabilidade do emprego.

A energia a preços comportáveis é fundamental para a competitividade da indústria da UE. Os esforços para garantir um acesso seguro e adequado a energias limpas a preços competitivos a nível mundial no mercado interno serão vitais para posicionar melhor os trunfos da indústria da UE durante a transição.

¹ <https://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2024/04/18/european-council-conclusions-17-and-18-april-2024/>

Os objetivos ambiciosos da UE em matéria de clima e energia só podem ser alcançados se forem acompanhados da competitividade da UE e da segurança do aprovisionamento energético ao longo da transição ecológica e justa.

No seu relatório sobre «**O futuro da competitividade europeia²**», Mario Draghi apresenta uma panorâmica abrangente dos principais desafios que se colocam à competitividade da Europa e uma série de ações para revitalizar a nossa economia. O relatório sublinha a **necessidade de investimentos maciços**, no valor de, pelo menos, 750 a 800 mil milhões de EUR por ano, e defende uma mudança radical, que terá de ser urgente e concreta. Salienta igualmente que, num contexto de diminuição da população e da mão de obra, a Europa tem de concentrar-se mais no aumento da sua produtividade, a fim de alcançar o crescimento.

O relatório propõe um plano conjunto de descarbonização e competitividade, que deverá alinhar todas as políticas com os objetivos da UE. Os domínios prioritários a abordar incluem, em primeiro lugar, a redução dos custos da energia para os utilizadores finais, transferindo os benefícios da descarbonização e acelerando a descarbonização do setor da energia de uma forma eficiente em termos de custos, tirando partido de todas as soluções disponíveis. Em segundo lugar, aproveitar as oportunidades industriais oferecidas pela transição ecológica, desde permanecer na vanguarda da inovação no domínio das tecnologias limpas, até fabricar de tecnologias limpas em grande escala, passando por tirar partido das oportunidades decorrentes da circularidade. Em terceiro lugar, nivelar as condições de concorrência em setores mais expostos à concorrência desleal do estrangeiro ou sujeitos a objetivos de descarbonização mais exigentes do que os seus concorrentes internacionais.

O relatório Draghi aborda muitos domínios de intervenção. Na secção dedicada ao **setor da energia**, Mario Draghi salienta o seu papel central na definição da competitividade, da sustentabilidade e da resiliência da Europa. Várias recomendações abordam os desafios energéticos prementes com que a UE se depara, ao mesmo tempo que a posicionam para liderar a transição mundial para as energias limpas.

² [Competitividade da UE: Perspetivas para o futuro – Comissão Europeia \(europa.eu\)](https://ec.europa.eu/economy_finance/competitiveness_en)

O relatório justifica de forma convincente a realização de reformas no mercado europeu da energia. No seu cerne, o relatório associa a força económica da Europa a longo prazo à sua capacidade para reduzir os preços da energia e promover um sistema energético sustentável e descarbonizado.

A Europa tem de reduzir os elevados preços da energia, continuando simultaneamente a descarbonizar a economia. O panorama energético mudou irreversivelmente com a invasão da Ucrânia pela Rússia e a consequente perda do gás natural transportado por gasoduto. Embora os preços da energia tenham diminuído consideravelmente em relação aos seus picos, as empresas da UE continuam a enfrentar preços da eletricidade duas a três vezes superiores aos dos EUA e os preços do gás natural a pagar são quatro a cinco vezes mais elevados. A descarbonização poderá constituir uma oportunidade para a Europa, tanto no que toca a assumir a liderança nos domínios das novas tecnologias limpas e das soluções de circularidade, como a transferir a produção de energia para fontes de energia limpas seguras e de baixo custo. No entanto, a possibilidade de a Europa aproveitar esta oportunidade dependerá de todas as políticas estarem em consonância com os objetivos de descarbonização da UE. A transição energética será gradual e os combustíveis fósseis continuarão a desempenhar um papel central na fixação dos preços da energia durante o resto da presente década, o que poderá causar uma volatilidade contínua dos preços para os utilizadores finais. As indústrias da UE que utilizam energia de forma intensiva enfrentam custos de investimento mais elevados do que os seus concorrentes para cumprir as metas de descarbonização.

Mario Draghi destaca igualmente os riscos geopolíticos associados à **dependência da Europa de combustíveis fósseis importados e de minerais brutos críticos**. Estes riscos vão para da energia, afetando as políticas industriais e comerciais da UE, exigindo soluções abrangentes que vão além dos mercados da energia por si só.

O relatório Draghi defende reformas no setor da energia que permitam a maior eficiência possível do mercado, reduzam a volatilidade dos preços e promovam o investimento em energias renováveis. Essas reformas reforçariam objetivos económicos mais vastos, posicionando a descarbonização como uma vantagem competitiva para a Europa, desde que sejam feitos os investimentos e as alterações regulamentares necessários.

A Presidência húngara do Conselho, para dar um seguimento exaustivo ao relatório Draghi, está a organizar debates sobre os contributos de vários setores para a competitividade da UE. Neste contexto, os ministros da Energia são convidados a partilhar os seus pontos de vista sobre as seguintes perguntas:

- 1) Quais as recomendações do relatório Draghi no setor da energia em que a UE deverá concentrar-se, como prioridades, e como poderão ser aplicadas?*
- 2) Que recomendações mais contribuiriam para o objetivo da UE de manter os custos da energia a níveis comportáveis e competitivos, sem perder de vista a necessidade de descarbonização e de segurança energética?*
- 3) A aplicação das recomendações exigirá investimentos avultados a nível europeu, nacional e regional. Quais seriam as formas mais eficazes de mobilizar capital privado para colmatar o défice de investimento?*
